

---

*Nota do editor:*

A biografia do Senhor Joaquim de Almeida Marrão Júnior que se segue, beneficiou na presente publicação de algumas precisões e correcções por parte do próprio.

Ao Senhor Inácio Beirão expressamos os nossos maiores agradecimentos pela colaboração e disponibilidade que manifestou para com esta edição.

# Joaquim de Almeida Marrão Júnior

*Inácio Beirão*

*Boletim Cultural 2000, Câmara Municipal de Mafra*

## A figura típica

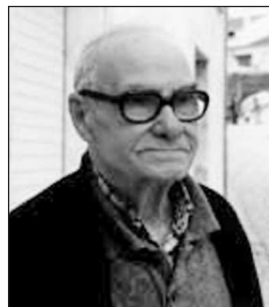
Pessoa de trato afável, amavelmente alegre e disposto a ajudar o próximo, Joaquim Marrão é um ericeirense que tem contribuído grandemente para a divulgação da cultura tradicional da Ericeira e das suas personalidades mais marcantes.

Cedo abraçou a vida militar que concluiu com o posto de 1.º Sargento Condutor de Máquinas da Marinha Portuguesa. Depois de passar à Reserva da Armada foi contratado pela Casa Isidoro a fim de ir a Angola (Porto Alexandre) assistir à montagem de uma fábrica de produção de farinhas e óleos de peixe, CIMAR (Companhia Industrial de Produtos do Mar). Aí ficou até regressar à Ericeira fixando-se na casa que era de seu avô, altura em que começou a dar o seu contributo quotidiano a algumas das agremiações de cultura, recreio e apoio social da terra, com destaque para a Santa Casa da Misericórdia da Ericeira.

Ao longo da sua vida, as “coisas” da Ericeira conseguiu compreendê-las mais com o amor do que com o estudo e tudo o que faz, fá-lo por amor e livremente; nunca deu lugar ao medo ou à rotina: tem servido a Ericeira.

De temperamento determinado, Joaquim Marrão nunca se apoquenta por verem as suas faltas, sabe escutar os outros e sempre aceita as críticas como um convite à reflexão.

Joaquim Marrão é um homem bom que tem marcado a cultura tradicional da região e é uma das figuras que prestigia a Ericeira.



Joaquim Marrão junto a sua casa na Rua Paroquial, 5/01  
Foto: IB

## A família

Joaquim de Almeida Marrão Júnior, nasceu na Ericeira em 9 de Abril de 1916. Seu pai, Joaquim de Almeida Marrão, também ele natural da Ericeira, era pescador; sua mãe, Maria Jerónima de Almeida era natural de Santo Isidoro e, sendo doméstica, sempre trabalhou na lida da casa e para o bem-estar da família.

Joaquim Marrão teve um irmão três anos mais velho, chamado Francisco de Almeida Marrão Júnior que faleceu aos sete anos de idade.

Seu avô, Francisco de Almeida Marrão, foi durante muitos anos banheiro na Praia do Algodio onde, segundo documento ainda existente na posse da família, tinha uma Concessão Régia para exercer a sua profissão, e era uma pessoa muito querida na vila da Ericeira, chegando até a fazer de sinaleiro quando era necessário ajudar à entrada das embarcações em ocasiões de perigo no mar.

Curiosamente, Joaquim de Almeida Marrão seu pai, também era querido na Ericeira pelas tertúlias e convívios que promovia entre os pescadores e outros homens de trabalho; estes convívios tinham lugar num anexo de sua casa – na Rua Paroquial nº 4 – a que popularmente chamavam “O Casino do Marrão”, pois quem ali ia, não tinha posses para ir ao verdadeiro Casino da Ericeira. Na gíria popular, havia até quem dissesse que um era o “Casino dos Pobres” e o outro era o “Casino dos Ricos”.

Em 12 de Abril de 1941, na época um Sábado de Aleluia, Joaquim de Almeida Marrão Júnior casou com Maria Geróbia Matias de Almeida Marrão, contraindo matrimónio na Capela da Vista Alegre, em Ílhavo, terra natal da noiva; seu sogro era emigrante nos EUA, e sua sogra morreu durante o parto de Maria Geróbia, em 1918.



Casamento de Joaquim Marrão com Maria Geróbia na capela da Fábrica da Vista Alegre. Fonte: JM

Até à data do falecimento de Maria Geróbia, o casal sempre viveu em estreita união e harmonia. Estiveram dois anos na Horta e em S. Miguel; vinte e quatro anos em Angola (uma comissão de quase sete anos em Moçâmedes e, depois de 1957 a 1975 em Porto Alexandre).

Joaquim Marrão é pai de uma filha (Maria do Rosário Matias de Almeida Marrão), avô de cinco netos (André Miguel, Andrea Lavínia, Maria do Rosário, Jovita Maria e João Guilherme) e bisavô de uma bisneta (Maria).



Joaquim Marrão, a esposa e a filha quando esta tinha cinco anos de idade. Fonte: JM

---

*Nota do editor:* Nesta data (04/2009) Joaquim Marrão já tinha sido contemplado com mais três bisnetos (João, Joaquim e Joana).

## As recordações do pai

Joaquim de Almeida Marrão Júnior conta-nos que seu pai embarcou durante anos na pesca de arrasto, o que os levou a alugar uma casa em Lisboa, onde viviam durante o Inverno, e vinham à Ericeira no Verão, para fazerem as limpezas na casa herdada de seus avós, que por ser grande, alugavam parcialmente na época estival, por forma a poderem contar com mais um complemento financeiro para a família.

Neste espírito de luta pela vida, o jovem Joaquim Marrão passava o Verão na Ericeira, somente com sua mãe e, quando havia uma beneficiação de navio (tipo limpezas de caldeiras ou manutenções) o pai vinha visitá-los a terra.

O pai de Joaquim Marrão aos 13 anos de idade (com autorização da mãe, pois o pai estava em serviço no Brasil) começou a trabalhar como moço de convés num barco à vela que navegava entre o Continente e a Madeira e, anos mais tarde naufragou nas costas de Inglaterra.

Joaquim Marrão conta-nos que seu pai andou muito tempo num navio chamado “Maria Luísa” e noutro chamado “Aljube” que andavam pela costa portuguesa e, mais tarde, fez as viagens de Cabo Branco e Marrocos; foi muito tempo Mestre de Pesca mas depois, a sua época

áurea acabou, com a evolução da maquinaria e o aparecimento de novas técnicas, acabando por ficar contramestre até se reformar.

Desde os treze anos de idade que aquele homem andava a “penar” no mar, numa vida muito dura, por isso não queria que seu filho abraçasse a mesma profissão.

## A infância

Recordando a sua infância, Joaquim Marrão relembra que os tempos eram difíceis... havia fome... falta de roupas...

A instrução primária, fê-la no Colégio Português (Lar de São Paulo em Lisboa).

Depois foi para o Liceu Passos Manuel que, naquela época era conotado como escola de “meninos bem” onde os filhos de pescadores nem sempre eram bem vistos, realidade que lhe causou alguns amargos com certos professores mais defensores das tradições de boas famílias.

## Como a escola o marcou

Joaquim Marrão recorda com firmeza: *“em 1924, fui fazer o exame de admissão ao Passos Manuel e em 1925 entrei para o 1.º ano; sozinho, fiz as matrículas, tratei das papeladas e... é engraçado!... o meu pai dizia-me muitas vezes: “tu podes ser tudo na vida, eu nem me rala que tu sejas Padre, mas não quero que vás para o mar!”...porque ele, coitadito, sabia do perigo que espreitava a quem se aventurava nas águas do Oceano”.*

Joaquim de Almeida Marrão Júnior orgulha-se de ter concluído a instrução primária com excelente resultado e solidez de conhecimentos, de que recorda: *“eu tive uma quarta classe muito boa graças a uma ótima professora; quando saí da escola eu sabia a raiz quadrada e os princípios todos do 1.º ano porque ela deu-nos umas bases enormes... mas depois, ao inscrever-me no Passos Manuel, tive o azar de ser filho de pescador, coisa que era vista com certas reservas naquele liceu que tinha três turmas para o 1.º ano.*

*Havia a turma A para os que eram oriundos de famílias de nome, a turma B para os que eram da classe trabalhadora, e a turma C para os repetentes, oriundos de outros liceus e filhos da classe baixa.”*

Apreensivo, Joaquim Marrão contanos: *“tive um professor de Matemática*

*e de Desenho que um dia me apanhou na brincadeira e gritando comigo perguntou-me o que fazia meu pai.*

*- O meu pai é pescador – respondi amedrontado...*

*- Então o que andas aqui a fazer? Vai pró mar, para o pé de teu pai, o teu lugar não é aqui!'*

Este episódio marcou profundamente o jovem ericeirense Joaquim Marrão que a partir dali se sentiu “perseguido” pois naquele ano o tal professor chumbou-o a Matemática e passou-o a Desenho; no segundo ano chumbou-o a Desenho e passou-o a Matemática; e no terceiro ano, chumbou-o às duas disciplinas.



Joaquim Marrão  
aos 17 anos de idade. Fonte: JM

Irónico, Joaquim Marrão relembra com saudade *“tive que repetir o terceiro ano, mas nessa repetição tive o prazer de estudar Latim com o Doutor Xavier Rodrigues e tinha boas notas; tive aulas com o Doutor Lopes de Oliveira e tinha boas notas; fui aluno do Doutor João de Barros (a Português e a Francês) que me deu boas notas e até nos tratava por “meus filhos” e todos o adorávamos; curiosamente, como deixei de ter o tal professor, voltei a receber boas notas a Matemática e a Desenho”*.

Graças à sua persistência e empenho, Joaquim Marrão continuou a estudar por conta própria concluindo o 3.º ano do liceu e o 5.º ano da Escola Industrial Machado de Castro onde fez o Curso de Serralheiro Mecânico.

## A angústia do destino

Joaquim Marrão diz com frequência que tem sido um perdedor toda a vida *“...perdi porque saí da Marinha, perdi porque tinha em África umas economias que me pediram emprestadas e nunca mas devolveram. Vim de Angola, onde perdi tudo.*

*Regressei ao serviço para actualizar a pensão de militar na reserva e depois fiz outra asneira, porque me vim embora ao fim de um ano, quando podia ficar mais sete ou oito e trazer uma reforma muito melhor.*

*Mas como estava em Lisboa e tinha que ir todos os dias para lá de manhã, já não tinha paciência para estas andanças.*

*Passei à Reserva da Marinha antes do 25 Abril de 1974, o que considero ser a grande asneira da minha vida, pois hoje podia estar numa situação mais confortável,*

*só que um senhor Oficial de Marinha desafiou-me a sair da Armada e ir gerir uma fábrica que ele e uns sócios iam montar. Como eu tinha estado nos Estados Unidos a fazer um curso de controlo de avarias – que lhes dava muito jeito - eles insistiram e eu deixei-me entusiasmar pela proposta que afinal, de nada me valeu. Toda a minha vida tenbo sido um perdedor...”*

## Valor exemplar da vida profissional

O sonho de Joaquim Marrão sempre foi ser condutor de máquinas nos navios da Armada, mas para ter a sua base de subsistência começou a trabalhar aos 16 anos no Arsenal de Marinha onde foi admitido em 3 de Novembro de 1932 com a categoria de Praticante sem Vencimento.

Em 3 de Agosto de 1933 foi promovido a Aprendiz de 4.<sup>a</sup> Classe (o seu primeiro ordenado tinha o valor de 5\$00 mensais) e, em 2 de Abril de 1934 foi promovido a Aprendiz de 2.<sup>a</sup> classe e, a aprendiz de 1.<sup>a</sup> classe em 20 de Julho de 1935.

Presente na inspecção militar em 27 de Julho de 1936 foi considerado Apto como Recrutado, para servir por 4 anos na Marinha, pertencendo ao contingente de 1936 onde lhe coube o n.º 1.

Em 13 de Janeiro de 1937 deixou de ser apontado no Arsenal a fim de assentar praça e ir cumprir serviço com o posto de Aluno marinheiro; entretanto, por inesperada falta de verba na Marinha, é superiormente mandado interromper o serviço militar de alguns recrutas entre os quais Joaquim Marrão, pelo que este regressa à sua antiga actividade profissional no Arsenal onde, em 24 de Maio de 1937 sobe à categoria de Ajudante de 3.<sup>a</sup> classe.

Passados alguns meses e uma vez desbloqueadas as verbas atrás referidas, os recrutas disponibilizados são de novo chamados para cumprirem o tempo de serviço militar em falta e, face ao seu empenho durante anos no serviço e nos estudos, Joaquim Marrão em 22 de Outubro de 1937 passou a 1.º Marinheiro (Aluno de Máquinas); em 17 de Outubro de 1938 passou a Cabo aluno Condutor de Máquinas e, em 2 de Dezembro do mesmo ano



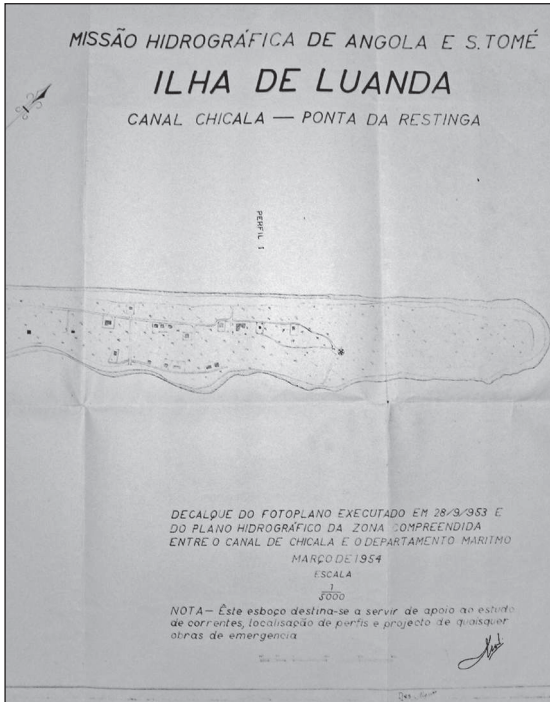
Joaquim Marrão quando vestiu a farda pela primeira vez como aluno marinheiro. Fonte: JM

concluiu o 1.º ano do Curso de Condutor de Máquinas com a média final de 15,31 valores; em 5 de Dezembro de 1939 passou a 2.º Sargento Condutor de Máquinas e acabou o 2.º ano do referido curso com a média final de 15,30 valores; e em 31 de Julho de 1950 subiu ao posto de 1.º Sargento Condutor de Máquinas.

De sublinhar que durante este período de vida militar, Joaquim Marrão também desempenhou em 1953 as funções de Desenhador a bordo do navio oceanográfico NRP *SALVADOR CORRELA* ao serviço da Missão Hidrográfica de Angola e S.



Reprodução do B.I. Militar. Fonte: JM



Capa do desenho que tem a dimensão de 1,84 x 0,50 m.

Tomé, quando da erosão da restinga de Angola, que ocorreu nos anos de 1953 e 1954.

Na vida civil, Joaquim Marrão exerceu durante dezoito anos, as funções de Gerente Industrial e Administrador da fábrica de farinhas e óleos de peixe CIMAR – Companhia Industrial de Produtos do Mar, SARL instalada em Porto Alexandre (Angola).

Ainda nesta localidade africana foi, durante o ano lectivo de 1972/73 Monitor de um Curso para Motoristas de 1.ª Classe.



## A ironia do destino

Conforme já noticiámos anteriormente, o sonho de Joaquim Marrão sempre foi a condução de máquinas navais, mas para ganhar dinheiro antes de ir para a tropa arranjou trabalho no Arsenal. Quando se apresentou para cumprir o serviço militar, foi disponibilizado pouco tempo depois por causa da tal falta de verba, regressando assim ao seu trabalho civil no Arsenal, mas por pouco tempo. Isto, porque entretanto a Marinha recebe as verbas em falta e ele é de novo chamado para recomeçar a cumprir o serviço militar só que, Joaquim Marrão ficou apreensivo quando lhe começaram a sussurar que dificilmente haveria naquele ano o tal curso de condutor de máquinas na Marinha.

Joaquim Marrão recorda que na altura estes Serviços de Marinha eram chefiados por um Comandante que o recebeu muito bem; o pior foi quando ele soube que Joaquim Marrão tinha sido voluntário para passar à situação de licença quando houve a tal falta de verba.

Ao que parece, o referido Comandante reagiu bastante mal mas, no meio dos berros e da gritaria do garboso oficial, Joaquim Marrão lá foi chamado para entrar de novo ao serviço da Marinha.

Continuando a ouvir os murmúrios de que não iria haver curso de condutores de máquinas, Joaquim Marrão desmoraliza e tenta abandonar a tropa na esperança de poder acabar os seus estudos cá fora e tratar do seu futuro. Opta então por deixar de comer, na esperança de que fosse considerado doente e mandado de volta à vida civil. Com a saúde debilitada pela voluntária falta de alimentos, Joaquim Marrão vai parar à psiquiatria do Hospital da Marinha onde um Doutor Amaral lhe pergunta um dia:

- Ó 75, porque é que estás aqui internado?

- Ó senhor Doutor, eu quero abandonar a vida militar e matricular-me no Instituto Industrial, porque o meu sonho é ser condutor de máquinas nos navios da Marinha e, como ouvi dizer que não vai haver curso, só estou a atrasar a minha vida ficando aqui...

Bem, e lá contou a história toda ao médico, que para surpresa de Joaquim Marrão lhe confidenciou:

*- Olha, ó 75, eu vou dar-te um mês de baixa em casa. Vais lá para a Ericeira, ficas em casa e vais-te preparar porque há curso de certeza, mas atenção, só há 6 vagas, portanto vê lá se estudas!*

E assim foi. Joaquim Marrão, magrinho, veio de convalescença para a Ericeira, e acabado o mês de baixa regressou aos Serviços de Marinha até que abriu o desejado concurso para condutores de máquinas. Este concurso tinha uma inspecção médica rigorosa e, entre os muitos candidatos, Joaquim Marrão lá foi aguardando a sua vez até que é chamado à Junta Médica e nesse momento, bastante surpreendido ficou quando viu que o Presidente da Junta era o tal Doutor Amaral (da Psiquiatria do Hospital da Marinha) que ao ver o Marrão disse aos seus colegas médicos:

*- Este tipo esteve cá há pouco tempo. Podes vestir-te ó 75!*

E Joaquim Marrão ficou apto para concorrer ao desejado curso, pelo que fez de imediato as malas e foi com os colegas para a Escola da Armada, em Vila Franca de Xira onde iam ser submetidos aos exames teóricos e práticos.

Eram mais de duzentos candidatos para apenas seis vagas.

Na primeira prova escrita, Joaquim Marrão ficou a saber que o Director da Escola era o Comandante Pais do Amaral, supostamente, familiar do tal médico da Psiquiatria do Hospital da Marinha.

Ultrapassada a prova escrita, Joaquim Marrão foi submetido a um exame prático, cujo trabalho foi bastante elogiado e lhe valeu uma boa classificação, conseguindo ficar em 5.º lugar.

Entusiasmado com a oportunidade que lhe estava a ser dada, Joaquim Marrão afincou-se nos estudos e no final do 1.º período passou para 1.º classificado, e no segundo ano, conseguiu também ser o 1.º classificado do curso, pois sempre se esforçou por apresentar bem o seu officio e por escutar os Mestres com esmero.

Joaquim Marrão relembra até, que um dia o Director da Escola, o Comandante Pais do Amaral, solicitou que lhe fizessem um alicate para cravação de selos de chumbo, e o Mestre Tavares – um dos professores - pediu logo para ser o jovem Marrão a fazê-lo na oficina.

E assim foi, o jovem Marrão desenhou e construiu o alicate; fez também os cunhos e as gravações e aquilo ficou a funcionar a cem por cento.

Com o alicate na mão, o Comandante Amaral perguntou ao professor quem tinha feito aquilo, ao que o Mestre Tavares respondeu:

- *Foi o 7375, o Marrão!*

Mais tarde, já como Cabo aluno, Joaquim Marrão foi solicitado para ajudar o novo Director, Comandante Vital da Cunha Freitas, desenhando-lhe um trabalho para o Curso Superior Naval de Guerra.

E desta forma humilde e trabalhadora, esteve vinte e dois anos na Armada, com percursos por vários locais, por vezes com o risco da própria vida e alguns cursos frequentados em Unidades militares portuguesas e, também nos Estados Unidos, quando em 1956 ingressou na escolta a um destroyer, atracado em São Francisco.



Esta foto da guarnição do contratorpedeiro NRP *LIMA* foi tirada em 18 de Outubro de 1941, no início de uma comissão de serviço nos Açores. Da esquerda para a direita vemos os seguintes oficiais: 2.º Tenente Leal Vilarinho, 2.º Tenente Alves Martins, 2.º Tenente Rodrigues Pinto, 1.º Tenente Joaquim José Teixeira, Capitão-tenente Sarmento Rodrigues, 1.º Tenente Engenheiro Maquinista Naval Ribeiro Camacho, 2.º Tenente Guimarães Rodrigues, 2.º Tenente de Administração Naval Jacinto Pereira e, o Sub-tenente Engenheiro Maquinista Naval Vila Real.

Joaquim Marrão, que vemos na foto, de pé, imediatamente atrás do terceiro oficial a contar da esquerda, embarcou neste navio em 20 de Janeiro de 1941 onde se manteve até 14 de Fevereiro de 1944, período durante o qual conheceu três Comandantes: Capitão-tenente Vasco Lopes Alves (até 1.Fevereiro.1941), Capitão-tenente Joaquim de Sousa Uva (de 1.Fevereiro.1941 a 23.Junho.1941) e Capitão-tenente Manuel Maria Sarmiento Rodrigues (de 23.Junho.1941 a 14.Fevereiro.1944).

Este contratorpedeiro prestou inúmeros serviços dignos de registo durante o período da 2.<sup>a</sup> Grande Guerra Mundial, mas foram a oitava e a nona comissões que permitiram ao navio praticar acções relevantes no salvamento de vidas humanas no mar.

Em 8 de Julho de 1942, quando navegava a caminho dos Açores, vários fogachos e luzes de lanternas eléctricas foram avistados no mar, durante a noite, sendo recolhidos 110 náufragos de três baleeiras do paquete inglês “Ávila Star”, torpedeado três dias antes, por um submarino alemão. Na memória de Joaquim Marrão, foram-lhes dadas roupas e cedidas camas, sendo os doentes e feridos tratados com todo o carinho. Dos náufragos encontrados haviam alguns que eram do navio “Lylepark”, já torpedeado anteriormente, que tinham embarcado no “Ávila Star” para regressar a Inglaterra.

Joaquim Marrão conta que por falta de nafta tiveram que regressar a S. Miguel e, passadas algumas semanas o NRP *LIMA* regressou a Lisboa, onde amarrou a uma das bóias do QNG (Quadro Naval de Guerra) de Lisboa em 26 de Outubro de 1942.

Em 15 de Janeiro de 1943 zarpou para os Açores, para iniciar nova comissão no serviço SAR (Search and Rescue), sendo feita a viagem com mar tempestuoso, que causou algumas avarias no navio. Em 26 de Janeiro saiu de Ponta Delgada em socorro dos náufragos do navio americano «City of Flint», torpedeado por um submarino alemão em águas bastante longe dos mares dos Açores. Na manhã de 30 de Janeiro, havia a bordo o dobro das pessoas que constituíam a lotação normal, pelo que era urgente o regresso a Ponta Delgada, porque já faltavam os mantimentos e frescos para um tão elevado número de pessoas e o combustível escasseava, havendo já alguns tanques de nafta vazios, que com o esforço e perseverança de Joaquim Marrão foram cheios de água salgada para lastrar o navio, que navegava a 25 nós sob forte temporal de popa.

Joaquim Marrão relembra que o governo deste contratorpedeiro estava a ser feito com a maior dificuldade, com guinadas que chegavam a ultrapassar os 40 graus, colocando o navio em situações críticas, quando atravessava à vaga. Os

balanços de bombordo e estibordo tinham tendência a aumentar, chegando a atingir uma inclinação de 67 graus, conforme registo verificado no inclinómetro da casa das máquinas e conforme se pode imaginar pela imagem seguinte.



O Contratorpedeiro *LIMA* com 67 graus de inclinação no mar dos Açores, levanta a bordo 119 náufragos da segunda Guerra Mundial. O enchimento dos tanques de nafta com água salgada para lastrar o navio deveu-se à coragem de Joaquim Marrão, conforme atesta o louvor confirmado pelo superintendente dos Serviços da Armada e pelo Ministro da Marinha.

Fonte: JASM

A balastrada de bombordo ficou destruída, sendo uma embarcação levada pelo mar, duas outras arrombadas e a última impossibilitada de ser arriada. Houve também numerosas avarias, principalmente nas pontes alta e baixa, superestruturas e embarcações. Este navio, depois das reparações feitas ainda navegou até 27 de Outubro de 1965.

## O amor à Ericeira

O seu amor à terra natal sempre foi evidente, e a sua grande paixão pela Misericórdia da Ericeira nasceu pelo facto de, com a passagem à situação de reserva, deixar Lisboa e fixar-se de novo na Ericeira. Primeiro, convidaram-no para ajudar a fundar o Clube Naval da Ericeira – de que é sócio-fundador - e em 1978, foi o 1.º classificado na apresentação do projecto para

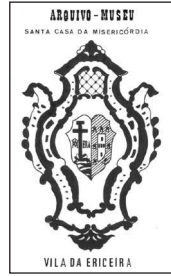
o emblema deste Clube Naval onde foi, em 1979, Monitor do 1.º Curso de Marinheiro Amador e, em 1980/81, Presidente da Direcção.

Em 1987 fez parte da Direcção que legalizou a Filarmónica Cultural da Ericeira. Em 1979, aceitou o convite do seu amigo Joaquim Bento Franco (filho do saudoso ericeirense Dr. António Bento Franco) para ingressar como Irmão da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira e, em 1985, com o falecimento do seu grande amigo Quincas Bento Franco, Joaquim Marrão ficou a tomar conta de alguns serviços da Misericórdia passando a desempenhar as funções de Vogal do Arquivo-Museu, do qual desenhou o *ex-libris*, até finais do ano 2000, anos durante os quais



se orgulha de sempre se ter dado bem com todos os Proveedores que ali trabalharam. Joaquim Marrão é também o autor do actual logotipo da Misericórdia ericeirense, pois foi ele que desenhou as iluminuras que envolvem o brasão inicial.

Ao conhecer cada vez melhor os arquivos da Misericórdia da Ericeira, algo lhe andava atravessado: falava-se muito no Mestre Jaime d' Oliveira Lobo e Silva mas, quando



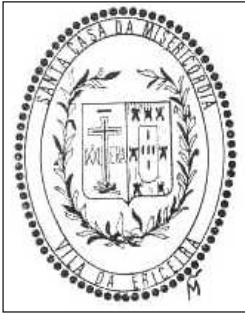
começou a conhecer os seus trabalhos, constatou que pouca coisa tinha ido ao prelo: publicaram-se os *Anais da Vila da Ericeira*, deram o seu nome a um largo da vila da Ericeira e, embora a juventude pouco o conhecesse, ainda havia quem, de gerações antigas, tivesse bastante consideração pelo Mestre.

Foi neste contexto que Joaquim Marrão começou a ver que afinal o Mestre Jaime tinha material para publicar muita coisa, e que era muito bom para a comunidade que se soubesse essa situação, o que o leva a colaborar na imprensa regional tentando perpetuar com os seus escritos, a memória de alguns “patrícios” antes que o tempo os desvaneça das memórias dos contrerâneos.

Começou então a reunir material, e compilou biografias de Patrocínio Ribeiro, Alves Crespo, arquitecto Guilherme Rebelo de Andrade, e sobretudo do Mestre Jaime d' Oliveira Lobo e Silva de quem colige uma biografia e prefacia em 1989 *A Roda do Ano*, e em 1993 *A Banda da Minha Terra*.

Ainda neste contexto, um dos primeiros trabalhos que coligiu sobre o Mestre Jaime Lobo e Silva, entregou-o à Junta de Turismo da Ericeira, naquela altura presidida por João Marques de Almeida (*o Tibúrcio*). Depois de acordadas as condições, Joaquim Marrão entregou-lhes o trabalho pronto, fez-lhes o prefácio e assim, em 1995, aparece nos escaparates o livro *Tia Maria Asquinha* que retrata algumas figuras típicas da época.

Ainda em 1995, colaborou com os desenhos da capa do livro *A vida quotidiana na Ericeira nos começos da 1.ª República* e como neste mesmo ano foi fundada a Editora Mar de Letras, é desde essa data sócio e membro da Direcção



desta prestigiada e promissora editora ericeirense que muito tem feito pela divulgação da cultura e dos valores etnográficos, religiosos, patrimoniais e literários da Ericeira em particular e, do concelho de Mafra em geral.

Em 1996, na 1.<sup>a</sup> sessão ordinária da Assembleia de Freguesia da Ericeira, realizada em 28 de Abril, foi aprovado por unanimidade um voto de louvor ao ericeirense Joaquim de Almeida Marrão Júnior, pelos serviços que sempre prestou à freguesia da Ericeira na área cultural.

Em 1996, a Editora Mar de Letras publicou o livro *As águas, os rios e as fontes da Ericeira* de Leandro dos Santos e, convidou Joaquim Marrão a colaborar com um breve apontamento a incluir na obra e a que deram o nome de «Recordando».

Em 1998, coligiu o «Breve Historial do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira» publicado no *Guia do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira* de José Alberto Marques.

E desta forma diversa mas metódica, Joaquim Marrão começou a influenciar as pessoas para se debruçarem sobre a obra de Jaime d' Oliveira Lobo e Silva, do qual ainda existe um extenso arquivo na Misericórdia e, até estudos de arqueologia da sua autoria, pois o Mestre era sócio da Associação de Arqueólogos Portugueses.

Joaquim Marrão, em criança teve o prazer de conhecer pessoalmente Jaime Lobo e Silva de quem recorda:

*“...era eu miúdo e ele já homem feito, mas sempre o conheci a viver com modéstia, extraordinariamente pobre, com muitas dificuldades, e o Mestre era um fora de série... trabalhava muito com o Patrocínio Ribeiro. Quando aderi à Misericórdia, senti que uma das minhas obrigações seria remexer aqueles arquivos para dar a conhecer à Ericeira quem tinha sido o verdadeiro Mestre Jaime. Felizmente, sinto-me recompensado pelo esforço que empreendi, porque se lhe prestou homenagem ao baptizar a Casa de Cultura da Ericeira com o seu nome. Isso para mim, é a melhor recompensa que guardo no meu coração, pois tal iniciativa veio despertar em muitos estudiosos o interesse pela obra de um grande Mestre, como o foi Jaime Lobo de Oliveira e Silva.”*

Nos anos de 1993, 1994, 1995, 1997, 1999 e 2000, Joaquim Marrão colaborou com as edições anuais do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal de Mafra, sempre com biografias de conterrâneos ericeirenses e temáticas relacionadas com barcos e actividade piscatória.

**Fotos:**

Inácio Beirão - IB

Joaquim Marrão - JM

José Agostinho de Sousa Mendes (comandante) - JASM

---

*Nota do editor:*

Em aditamento incluímos algumas notas, especialmente por serem conhecidas ou terem acontecido, já depois da publicação original.

Joaquim de Almeida Marrão Júnior encontra-se recensado no excelente *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, IV volume, organizado pelo Instituto Português do Livro e da Leitura, 1998, Publicações Europa-América. Esta obra de referência contou com a colaboração do nosso saudoso amigo Dr. Sebastião Diniz.

Em 2003, Joaquim Marrão torna-se Associado Fundador do ICEA – Instituto de Cultura Europeia e Atlântica com sede na Ericeira. Em 2006, é proposto e aprovado por unanimidade como Associado Honorário do ICEA.

Em 9 de Maio de 2006, no encerramento da 2.<sup>a</sup> Sessão Cultural Conjunta na Academia da Marinha com o ICEA, sob o tema dos 620 anos do Tratado de Windsor (a mais antiga aliança do mundo) Joaquim Marrão foi homenageado pela Direção da Academia. O Presidente da Academia de Marinha Vice-Almirante António Ferraz Sacchetti ofereceu ao Senhor Joaquim Marrão o livro sobre o contratorpedeiro *LIMA*, que contém o episódio e o louvor, devidamente mencionados no capítulo anterior, sendo, provavelmente, já naquela data, o único sobrevivente da tripulação do navio.

Em 8 de Maio de 2007 reuniram-se na Ericeira, seis maquinistas navais que totalizavam a bonita soma de 479 anos, sendo Joaquim Marrão o seu Decano. Esta notícia faz parte de um extenso trabalho sobre a vida de Joaquim Marrão publicado na “Revista da Marinha” n.º 418 em Abril de 2008. Do artigo intitulado *O Decano dos Maquinistas Navais* de autoria do 1.º Ten. OTT C. Batista Velez, antigo instruendo de Joaquim Marrão, destaca-se o seguinte: [...] “Estar com ele, é conviver, recordando o passado, e analisando o presente com uma alegria contagiante, em que a sua fabulosa memória, é posta em evidência, para uma pessoa que já soma a bonita idade de noventa e um anos.[...]”

Em 31 de Janeiro de 2009 a Santa Casa da Misericórdia da Ericeira promoveu-lhe uma justa homenagem, atribuindo o seu nome à sala dos barcos, como até aí era conhecida, do Museu da Misericórdia. A placa identificativa da *Sala Joaquim Marrão* foi descerrada pelo seu bisneto homónimo, Joaquim.





## Notas biográficas durante o serviço militar

Alistado provisoriamente como Aluno marinheiro, nos termos do Art.º 179.º do RGO – Regulamento Geral de Organização das Brigadas da Armada e Art.º 1.º do Decreto-Lei n.º 16397 de 12 de Janeiro de 1929, devendo este alistamento tornar-se definitivo nos termos do parágrafo 8.º do mesmo artigo e citado regulamento para servir 4 anos no activo na Reserva da Armada até aos 40 anos de idade e na Reserva Territorial até aos 45 anos de idade; - Em 25 de Janeiro de 1937 foi licenciado por determinação do Ministro da Marinha;

- Em 22 de Fevereiro de 1937 foi admitido às provas de admissão ao concurso para Aluno do curso de Condutores de Máquinas, aprovado com a classificação de 13,388 valores em 26 de Outubro de 1937; - Com efeitos a partir de 22 de Outubro de 1937, foi transferido da 3.ª para a 2.ª Brigada na classe de Aluno Condutor de Máquinas;

- Frequentou no ano lectivo de 1937/38 o 1.º ano do Curso de Condutores de Máquinas, ficando aprovado com 15,31 valores;

- Em 17 de Outubro de 1938 foi promovido a Cabo Aluno Condutor de Máquinas;

- Promovido a 2.º Sargento Condutor de Máquinas por satisfazer a todas as condições gerais de promoção, conforme Nota n.º 282 de 21 de Dezembro de 1939 da Escola de Mecânicos, com efeitos a partir de 5 de Dezembro de 1939;

- Promovido a 1.º Sargento Condutor de Máquinas em 31 de Julho de 1950.

- Em 23 de Outubro de 1957 pediu para passar à situação de Reserva da Armada, pelo que foi abatido ao efectivo do Corpo de Marinheiros da Armada em 6 de Agosto de 1958, e lhe foi atribuída a pensão mensal de 913\$72, incluídos 5\$08 de 0,14% correspondentes a 4 períodos de serviço no Ultramar.

## Louvores

- Foi louvado pelo Comando do contratorpedeiro NRP *LIMA*, através do Capitão-tenente Manuel Maria Sarmiento Rodrigues, por ter evidenciado extraordinário desembaraço e decisão no trabalho de alagamento dos tanques de nafta que exaustivamente executou sob mau tempo a bordo do referido navio em **30 de Janeiro de 1943**, em serviço no mar dos Açores, louvor confirmado pelo Superintendente dos Serviços da Armada e considerado pelo Ministro da Marinha como extraordinário e importante o serviço prestado.

*(É de toda a justiça salientar que o motivo principal que levou o Comandante Sarmiento Rodrigues a exaltar o valor profissional de Joaquim Marrão foi o facto de, em 15 de Janeiro de 1943 o NRP LIMA ter zarpado para os Açores, para iniciar nova comissão de SAR (Search and Rescue) - busca e salvamento - sendo feita a viagem com mar tempestuoso, que causou algumas avarias no navio. Em 26 saiu de Ponta Delgada em socorro dos náufragos do navio americano «City of Flint» cujo torpedeamento por um submarino alemão se dera bastante longe daquele porto.*

*Na manhã de 30, era urgente o regresso a Ponta Delgada, porque já faltavam os mantimentos e frescos para um tão elevado número de pessoas e o combustível escasseava, havendo já alguns tanques de nafta vazios, que Joaquim Marrão, com o risco da própria vida, encheu de água salgada para lastrar o navio, que navegava a 25 nós sob forte temporal de popa. O governo deste contratorpedeiro estava a ser feito com a maior dificuldade, com guinadas que chegavam a ultrapassar os 40 graus, colocando o navio em situações críticas, quando atravessava à vaga.*

*Os balanços de bombordo e estibordo tinham tendência a aumentar, chegando a atingir uma inclinação de 67 graus, conforme registo verificado no inclinómetro da casa das máquinas. A balastrada de bombordo ficou destruída, sendo uma embarcação levada pelo mar, duas outras arrombadas e a última impossibilitada de ser arriada. Havia a bordo o dobro das pessoas que constituíam a lotação normal. Houve também numerosas avarias, principalmente nas pontes alta e baixa, superestruturas e embarcações, pelo que regressou ao Continente em 21 de Março, amarrando em 23 a uma das bóias do QNG (Quadro Naval de Guerra) em Lisboa, depois de cumprida mais uma comissão plena de emoções e prestígio para a Armada e para o País.*

- Segundo Nota n.º 947 de 28 de Agosto de 1945 da SS (Superintendência dos Serviços) da Armada – Repartição de Pessoal e cópia da ODN (Ordem do Dia ao Navio) do NRP *BARTOLOMEU DIAS*, louvado pelas qualidades profissionais reveladas em toda a sua permanência neste navio e nos trabalhos nele realizados,

bem como “pelas suas excepcionais qualidades de Chefe, animando com o seu trato, maneiras educadas e alto espírito de bem servir, levando os seus subordinados a uma colaboração alegre, remediando e removendo com o seu optimismo e saber todas as dificuldades surgidas”. (Proc. 5/149, assinado pelo Capitão-de-mar-e-guerra Joaquim Maria Alves Pereira da Fonseca. A título de curiosidade, este Capitão-de-mar-e-guerra foi promovido a Oficial General, alcançando em 1953 o posto de Vice-Almirante; faleceu em 7 de Março de 1970).

- Louvado pela “dedicada colaboração e espírito de sacrifício de que deu provas no ataque ao incêndio do navio-motor *ALENQUER* (da Marinha Mercante) no dia 7 de Maio de 1951. Louvor dado pelo Chefe do Departamento Marítimo de Angola, Capitão-de-fragata Américo Cabral e publicado na ODC (Ordem do Dia ao Corpo) n.º 164 de 26 de Julho de 1951. Embora o navio-motor *ALENQUER* fosse da Marinha Mercante, o incêndio foi combatido com os meios da Marinha de Guerra, que eram os existentes no local (o Alenquer era um navio de cargacom 138 m. de comprimento e 37 tripulantes;

- Ao abrigo do art.º 121.º do RDMC (Regulamento de Disciplina Militar Colonial) o 1.º Sargento Joaquim Marrão foi louvado “pela muita competência, elevada colaboração e inteligente orientação que sempre demonstrou durante os cinco anos em que desempenhou o cargo de Encarregado Auxiliar do navio NRP *SALVADOR CORRELA* (louvor dado pelo 1.º Tenente José Baptista Pinheiro Azevedo, conforme registo no livro de louvores, prémios e recompensas, em 9 de Novembro de 1953. Curiosamente, este Oficial de Marinha também atingiu o generalato, com o posto de Almirante).

## Condecorações

- Por despacho ministerial de 14 de Agosto de 1942 foi concedida a Medalha de Cobre da Classe de Comportamento (ODC - Ordem do Dia ao Corpo n.º 191 de 19 de Agosto de 1942).

- Por portaria de 20 de Abril de 1949 foi condecorado com a Medalha Militar de Cobre de Serviços Distintos (ODC - Ordem do Dia ao Corpo n.º 99 de 20 de Abril de 1949).

- Em formatura no quartel do Corpo de Marinheiros da Armada recebeu a Medalha de Cobre da Classe de Comportamento Exemplar (ODC - Ordem do Dia ao Corpo n.º 190/ 13 de Agosto de 1956).

## Informação dos Comandantes com respeito à aptidão profissional

- Em 5 de Novembro de 1939, o Comandante da Escola de Mecânicos de Vila Franca de Xira elogiou por escrito Joaquim Marrão referindo-se-lhe como “boa praça, estudioso e inteligente. Frequentou o Curso de Condutores de Máquinas onde foi o primeiro classificado. Promete vir a ser um elemento de grande valor na Marinha. Disciplinado e correcto. Forma esplêndida opinião.”
- Em 13 de Maio de 1940, o Comandante do navio de vapor *LIDADOR* escreveu “trabalhador. mostrando competência e zelo no serviço. É disciplinado”.
- De 16 de Maio de 1940 a 20 de Janeiro de 1941, o 2.º Tenente Horácio Manuel Cardoso, do NRP *VULCANO*, classificou Joaquim Marrão da seguinte forma: competência profissional, 18 valores; espírito militar, 18 valores; dedicação ao serviço, 18 valores.
- De 20 de Janeiro de 1941 a 14 de Fevereiro de 1944, o Comandante Manuel Maria Sarmiento Rodrigues, do contratorpedeiro *LIMA* classificou Joaquim Marrão da seguinte forma: competência profissional, 17 valores; espírito militar, 17 valores; dedicação ao serviço, 17 valores; opinião geral, muito boa.
- De 30 de Abril de 1945 a 19 de Agosto de 1945, o 2.º Tenente Amadeu de Carvalho Andrade, Comandante do Comando de Defesa Marítima da Horta classificou Joaquim Marrão da seguinte forma: competência profissional, 17 valores; espírito militar, 16 valores; dedicação ao serviço, 17 valores; opinião geral, muito boa. Refira-se que durante este período, Joaquim Marrão esteve embarcado no NRP *B1* e no NRP *BARTOLOMEU DIAS*.
- De 21 de Agosto de 1945 a 7 de Janeiro de 1946, o 2.º Tenente Horácio José da Silva Oliveira, Comandante do navio patrulha *P3*, classificou Joaquim Marrão da seguinte forma: competência profissional, 17 valores; espírito militar, 16 valores; dedicação ao serviço, 18 valores; opinião geral, muito boa.
- De 7 de Janeiro de 1946 a 17 de Outubro de 1947, o Capitão-tenente Joaquim José da Costa, do NRP *PEDRO NUNES*, elogiou Joaquim Marrão classificando-o com competência profissional, 16 valores; espírito militar, 16 valores; dedicação ao serviço, 16 valores, opinião geral, muito boa.
- De 17 de Outubro de 1947 a 30 de Maio de 1948, o 2.º Tenente Nuno Ximenes Teixeira de Aragão, do NRP *AZEVEDA*, classificou Joaquim Marrão da seguinte forma: competência profissional, 17 valores; espírito militar, 17 valores; dedicação ao serviço, 17 valores; opinião geral, muito boa.
- De 30 de Junho de 1948 a 03 de Fevereiro de 1956, o 1.º Tenente Abílio Freire da Cruz Júnior, Comandante do navio oceanográfico NRP *SALVADOR*

*CORREIA* classificou Joaquim Marrão da seguinte forma: competência profissional, 17 valores; espírito militar, 17 valores; dedicação ao serviço, 18 valores; opinião geral, muito boa.

- De 03 de Fevereiro de 1956 a 28 de Outubro de 1956, o Capitão-de-fragata Joaquim dos Santos Oliveira Júnior, Comandante da fragata NRP *NUNO TRISTÃO* elogiou Joaquim Marrão da seguinte forma: competência profissional, 18 valores; espírito militar, 17 valores; dedicação ao serviço, 18 valores; opinião geral muito boa.

- De 07 de Fevereiro de 1957 a 14 de Novembro de 1957, o Capitão-de-fragata Joaquim José Teixeira, Comandante da fragata NRP *DIOGO CÃO* classificou Joaquim Marrão da seguinte forma: competência profissional, 19 valores; espírito militar, 19 valores; dedicação ao serviço, 19 valores; opinião geral muito boa.

- De 28 de Novembro de 1957 a 04 de Agosto de 1958, o 1.º Tenente António Luciano Estácio dos Reis, Comandante do draga-minas NRP *HORTA* classificou Joaquim Marrão da seguinte forma: competência profissional, 19 valores; espírito militar, 19 valores; dedicação ao serviço, 19 valores; opinião geral muito boa.

**Destacamentos, serviços de embarque e mudanças de situação:**

- 12 de Janeiro de 1937, ingressou no Corpo de Marinheiros no Alfeite. - 31 de Outubro de 1937, ingressou na Escola de Mecânicos em Vila Franca de Xira.

- 08 de Janeiro de 1940, embarcou no navio-vapor NRP *LIDADOR*.

- 13 de Maio de 1940, embarcou no contratorpedeiro NRP *DÃO*.

- 16 de Maio de 1940, embarcou ao serviço no navio-vapor rebocador NRP *VULCANO*.

- 20 de Janeiro de 1941, embarcou no contratorpedeiro NRP *LIMA*.

- 14 de Fevereiro de 1942, ainda embarcado no NRP *LIMA* ficou sob o Comando do Corpo de Defesa Marítima dos Açores, em Ponta Delgada.

- 14 de Fevereiro de 1944 continuou no NRP *LIMA*, mas desta vez sob o Comando do Corpo de Defesa Marítima dos Açores, na Horta.

- 14 de Julho de 1944, embarcou no caça-minas NRP *P1*.

- 13 de Novembro de 1944, embarcou no caça-minas NRP *P2*.

- 19 de Janeiro de 1945, embarcou no caça-minas NRP *P3*.

- 27 de Março de 1945, embarcou no navio-barragem NRP *B1*.

- 23 de Abril de 1945, regressou ao navio caça-minas NRP *P1*.

- 30 de Abril de 1945, voltou a embarcar no navio-barragem NRP *B1*.

- 20 de Agosto de 1945, entrou ao serviço no Corpo de Defesa Marítima do Porto de Lisboa.

- 21 de Agosto de 1945, foi colocado uma vez mais a bordo do caça-minas *P3*.
- 07 de Janeiro de 1946, embarcou no navio NRP *PEDRO NUNES*, que nesta data estava atracado no Alfeite.
- 17 de Outubro de 1947, embarcou em Faro, no NRP *AZEVEDA*.
- 30 de Maio de 1948, entrou ao serviço no Corpo de Marinheiros no Alfeite.
- 30 de Junho de 1948, entrou ao serviço no Ministério das Colónias em Lisboa.
- 26 de Agosto de 1948, embarcou durante cerca de cinco anos, no patrulha NRP *SALVADOR CORRELA*.
- 03 de Fevereiro de 1956, embarcou na fragata NRP *NUNO TRISTÃO* atracada no Alfeite.
- 28 de Outubro de 1956 regressou ao Corpo de Marinheiros no Alfeite.
- 28 de Novembro de 1956 ingressou na escolta ao MR *DESTROYER*, nos Estados Unidos da América, que estava atracado em São Francisco.
- 07 de Fevereiro de 1957, embarcou ao serviço da fragata NRP *DIOGO CÃO*.
- 14 de Novembro de 1957, regressou ao Corpo de Marinheiros no Alfeite.
- 28 de Novembro de 1957, embarcou no draga-minas costeiro NRP *HORTA*.
- 04 de Agosto de 1958, regressou ao Corpo de Marinheiros no Alfeite.
- 06 de Agosto de 1958, foi abatido ao efectivo.
- 01 de Outubro de 1976, foi colocado na Direcção dos Serviços de Pessoal – 3.<sup>a</sup> Repartição (Serviço Geral) em Lisboa.
- 13 de Outubro de 1976, foi colocado na Estação Rádionaval Comandante Nunes Ribeiro / Central Transmissora em Monsanto.
- 23 de Novembro de 1976, entrou ao serviço no CSDMM - Conselho de Segurança e Defesa do Ministério da Marinha.
- 09 de Janeiro de 1978, levou baixa do serviço efectivo da Armada.

### **Bibliografia:**

- MENDES, José Agostinho de Sousa, *75 Anos no Mar (1910-1985)* - Vol. II (contratorpedeiros), Comissão Cultural da Marinha, 1989.
- ESPARTEIRO, António Marques, - *Dictionary of Naval Terms (English-Portuguese)*, Centro de Estudos de Marinha, 1974
- LEITÃO, Humberto, e LOPES, J. Vicente, *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*, 3.<sup>a</sup> ed. Culturais da Marinha, 1990
- ALVES, Almeida, *Características dos Navios da Marinha de Guerra Portuguesa*, Século XX, Capítulo I, 3.<sup>a</sup> edição, Janeiro de 2000 (Biblioteca da Estado-Maior da Armada)

### **Agradecimentos:**

Um obrigado amigo ao Major de Infantaria Dr. Nuno Correia Barrento Lemos Pires (Prof. de História Militar no Instituto de Altos Estudos Militares) pelos esclarecimentos sobre alguma terminologia técnica e, um agradecimento especial e sincero ao Capitão-de-fragata António Vitor Duarte Domingues (do Estado-Maior da Armada), pela prestimosa colaboração na decifragem de siglas, na identificação de Chefias, Serviços e Departamentos antigos e, na descrição das características dos navios referenciados neste trabalho.